

AUTONOMIA DO APRENDIZ NA APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA

LEARNER AUTONOMY IN SECOND LANGUAGE LEARNING

Gabriela Quatrin Marzari¹

Yasmim Naif Amin Mahmud Kader²

Resumo

Aprender uma nova língua requer motivação e, quando o ambiente da sala de aula não atende aos objetivos do aprendiz, este vê, na autonomia, uma forma de adquirir um conhecimento que vai além daquilo que é ensinado pelo professor. A partir de pesquisas bibliográficas específicas e experimentais, o presente estudo tem como propósito investigar a autonomia do aprendiz de língua inglesa na Educação Básica, observando sua capacidade de pesquisar e buscar meios de aprender fora do ambiente formal da escola, muitas vezes, motivado pelo próprio professor. Ao buscar subsídios em autores como Leffa (2003), Paiva (2006) e Nunan (2000), procura-se discutir, então, a responsabilidade assumida pelo aprendiz em relação à sua própria aprendizagem e, nesse sentido, a contribuição do PIBID no atendimento a esse desafio.

Palavras-chave: Autonomia; Aprendizagem; Língua Inglesa.

Abstract

Learning a new language requires motivation and, when the classroom environment does not accomplish the learner goals, he/she sees autonomy as a way to acquire knowledge that goes beyond what is taught by the teacher. Based on specific bibliographic and experimental research, this study aims to investigate the learner autonomy towards the English language in Basic Education by observing the learner's ability to develop research and look for specific ways to learn outside the school environment, most of the time, motivated by his/her own teacher. Taking into consideration what some authors such as Leffa (2003), Paiva (2006) and Nunan (2000) have stated about autonomy, it is discussed the responsibility assumed by the learner in relation to his/her own learning and, as a consequence, the contribution of PIBID to overcome such a challenge.

Keywords: Autonomy; Learning; English Language.

Introdução

São várias as pesquisas que demonstram a vontade de aprender dos alunos como uma peça fundamental para resultados positivos na aquisição, ou melhor, construção de novos conhecimentos. Aprender uma nova língua, neste caso o inglês, torna-se um desafio que mostra que “[...] é possível vencer todas as barreiras, se o aprendiz tiver a determinação e a

¹ Doutora em letras (UCPEL). Professora Adjunta do Curso de Letras: Inglês. Coordenadora do Subprojeto Letras: Inglês PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: gabriela.marzari@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Letras: Inglês. Bolsista PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: yasmim.kader@gmail.com

garra necessária para levar adiante seu objetivo” (RAJAGOPALLAN, 2011, p. 55). Uma vez motivado, o aluno aproveitará ao máximo as instruções recebidas e questionará constantemente o professor, tendo em vista a construção do conhecimento. Segundo Leffa (2003), o ambiente escolar nem sempre oferecerá as condições necessárias para ensinar tudo o que o aluno precisa saber. Dessa forma, a autonomia surge como uma ferramenta própria de busca de saberes, que vão muito além da sala de aula e que são necessários à formação do aluno como ser social.

A partir de pesquisas bibliográficas específicas, o presente estudo tem como propósito ressaltar a importância da autonomia do aprendiz de língua inglesa para a aprendizagem, observando-se sua capacidade de pesquisar e buscar meios de aquisição além do ambiente formal da escola, com ou sem a orientação e incentivo do professor. Assim sendo, justifica-se o desenvolvimento deste estudo, cujo intuito é mostrar que é possível aperfeiçoar o conhecimento de uma segunda língua, mesmo diante das mais desafiadoras situações, por meio da autonomia que o aluno desenvolve ao engajar-se, efetivamente, no objetivo de aprender por conta própria.

Este trabalho insere-se no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Centro Universitário Franciscano, por meio do Subprojeto Letras: Inglês autorizado pelo Edital CAPES 018/2012.

1. Autonomia e ensino

Não é de hoje que o conceito de autonomia em relação à aprendizagem de línguas estrangeiras, neste caso, a língua inglesa, é discutido. Segundo Paiva (2005), o termo tem sido utilizado, desde a década de 70, por estudiosos da aquisição de línguas para definir uma personalidade responsável por aquilo que se aprende dentro do âmbito escolar e é retomado fora dele. Ou seja, a autonomia, como conceito predominante, visa à “[...] responsabilidade pela própria aprendizagem” (HOLEC, 1991 *apud* Paiva, 2005, p. 136). Nesse ensino autônomo, tudo dependerá da vontade de quem está aprendendo, no presente trabalho, do aluno da Educação Básica. Nesse sentido, para Naiman (1996), “[...] os alunos mais bem sucedidos são aqueles que assumem a responsabilidade quanto ao próprio ensino”.

Todavia, observa-se que existe uma visível falta de interesse por parte dos mesmos quanto ao estudo de uma segunda língua. Leffa (2003) ressaltou que aprender uma língua estrangeira não é fácil; é preciso entusiasmo e determinação, além de um objetivo a ser buscado. Caso contrário, o interesse pela aquisição diminuirá e o perfil autônomo sequer será alcançado. Relacionado a isso, Gimenez (2011) reforça a importância de construção de um objetivo quanto à aprendizagem da língua inglesa ao afirmar que:

[é] preciso ressignificar a aprendizagem do inglês para dar-lhe a conotação de que não é só possível aprendê-lo, como também compreender-se como um elo na rede de pessoas comprometidas em determinada visão de mundo (2011, p. 50).

No que diz respeito ao desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma, o papel do professor assume extrema importância. Afinal, segundo Paiva (2005), a insegurança do aluno tende a aumentar quando o assunto é a aquisição de uma língua a que ele não está habituado, sendo fundamental o incentivo do professor para que o mesmo siga em frente. A esse respeito, Leffa (2003) destacou o argumento de que não existe ensino autônomo, já que não se pode ensinar algo com o qual nascemos, mas é preciso mostrar esse caminho, que, muitas vezes, é ignorado e esquecido. A autonomia é conquistada, então, quando guiada pelo professor; sob esse viés, o aluno não limitará a aquisição do conhecimento somente ao ambiente escolar.

Contudo, o desenvolvimento da autonomia, esta entendida como uma capacidade inata ao ser humano, é muitas vezes ignorado pelo professor que não tem dimensão de sua importância no crescimento do próprio aluno. O fato é que, embora o termo autonomia seja semelhante para todos, Leffa (2003) reforça que a autonomia é diferentemente desenvolvida, ou seja, cada aprendiz desenvolve uma postura autônoma, uns mais; outros menos. Paiva (2005) reforça esse argumento, ao afirmar:

[p]or ignorar o papel da autonomia do aprendiz, os vários métodos de ensino geraram propostas e explicações lineares sobre o processo de aprendizagem, sem levar em conta que o ser humano é sempre o mediador de sua aprendizagem, mesmo quando seu grau de autonomia é mínimo. Esses métodos ignoraram, ainda, que, devido às diferenças individuais dos aprendizes, efeitos diferentes poderão surgir em reação a um mesmo conjunto de variáveis (p. 141).

Ademais, o caráter de ser autônomo, de ter responsabilidade quanto à própria aprendizagem, está intimamente ligado à vontade de obter conhecimento continuamente, sem permitir que este se torne obsoleto ou ultrapassado. Como demonstrado por Leffa (2003), ao ressaltar a expressão “educação continuada”, a aquisição precisa sempre ser exercida, mesmo

quando se trata de uma segunda língua. Afinal, se um aluno aprender inglês hoje e nunca der continuidade a essa aprendizagem, logo se esquecerá do que aprendeu. Ler, fazer, buscar e pesquisar são verbos necessários para o exercício da autonomia, uma vez que “[...] se não houver evolução, não haverá civilização, não haverá o ser humano, porque a essência do ser humano é a capacidade de evoluir” (LEFFA, 2003, p. 15).

2. Metodologia

Este estudo, de natureza bibliográfica e experimental, apoiou-se, primeiramente, na leitura de autores como Leffa (2003), Paiva (2006) e Nunan (2000), entre outros, a fim de buscar uma definição para o conceito de autonomia e, a partir disso, compreender o papel do aprendiz, tendo em vista suas potencialidades e desafios na aprendizagem de uma segunda língua, nesse caso, o inglês, fora do ambiente formal da sala de aula.

A fim de atingir os objetivos propostos, em um segundo momento, elaborou-se um questionário composto de cinco perguntas abertas, relacionadas ao tema, que buscava investigar o modo como o aluno tem estudado ou aprendido a língua inglesa fora do ambiente escolar. O instrumento foi aplicado a vinte aprendizes de língua inglesa, todos alunos do 6.º ano do Ensino Fundamental da Escola Básica Estadual Érico Veríssimo, escola integrante do PIBID. Abaixo, segue o instrumento de coleta de dados utilizado neste estudo:

Questionário

- (1) Você costuma estudar inglês fora da sala de aula? Como?
- (2) Você tem contato com o inglês fora da sala de aula? Como? Por meio de músicas, jogos, livros, filmes, entre outros?
- (3) Quando você escuta uma música em inglês, você costuma procurar entender a letra dessa música? De que forma?
- (4) Você gosta dos textos trazidos pelos professores e da forma com que os mesmos são trabalhados na sala de aula?
- (5) Quando você está lendo um texto e não entende o significado de uma palavra/expressão, você procura saber o que ela significa ou simplesmente passa adiante e busca outros subsídios para a compreensão do texto?

A análise do questionário deu-se a partir do levantamento das respostas fornecidas pelos alunos participantes do estudo. Nesse estágio da análise, tinha-se como objetivo identificar espaços de construção do conhecimento distintos da sala de aula, conforme

acessados e utilizados pelo aluno. A coleta dos dados culminou, no terceiro momento da pesquisa, com os resultados obtidos que, então, incentivaram o desenvolvimento de uma postura mais autônoma por parte dos aprendizes de escolas da Educação Básica, integrantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do Centro Universitário Franciscano, em relação à aprendizagem de línguas estrangeiras, neste caso, a língua inglesa. A seguir, é feita uma análise dos dados obtidos a partir do instrumento de coleta de dados utilizado neste estudo.

3. Resultados e discussões

A partir das respostas obtidas ao questionário aplicado aos alunos de língua inglesa do 6.º ano da Escola Básica Estadual Érico Veríssimo, integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), observou-se que, no que diz respeito à personalidade autônoma, conforme abordada previamente, grande parte dos alunos tende a buscar informações referentes ao aprendizado quando não estão no ambiente escolar. Em uma das respostas, por exemplo, um dos alunos escreveu: “Eu gosto de ler o que a professora deu em aula em casa e ler músicas na internet para aprender mais” (aluno de 11 anos).

Nesse contexto, é possível observar que atividades que fazem uso de letras de música, por exemplo, seriam uma alternativa metodológica válida para instigar os alunos a buscarem informações linguísticas e contextuais relacionados à língua estrangeira, a partir de elementos presentes na música, fora do ambiente escolar. O uso da música, como forma de acesso à língua estrangeira, neste caso, a língua inglesa, tem demonstrado significativa influência no processo de aquisição do aprendiz, basicamente por dois motivos: 1) porque é um gênero que faz parte da rotina do aprendiz e que o acompanha fora da sala de aula; e 2) porque integra diferentes habilidades linguísticas, dentre elas, *listening* (compreensão) e *speaking* (fala).

Diante do interesse dos alunos pelo estudo da língua inglesa por meio de atividades que envolvessem o trabalho com letras de música, ou seja, uma prática recorrente na rotina desses sujeitos fora da sala de aula, os bolsistas do Subprojeto Letras: Inglês passaram a dar mais atenção a essa prática também no ambiente da sala de aula, como forma de dar

continuidade aos interesses e objetivos dos aprendizes, considerando-se suas práticas sociais dentro e fora da sala de aula.

Durante as inserções, os aprendizes demonstraram interesse na língua inglesa e, quando verdadeiramente instigados pelo material de ensino que o professor e os bolsistas PIBID traziam para a sala de aula, passavam a buscar mais informações sobre o assunto por conta própria, em um contexto externo à sala de aula. Nesse sentido, pode-se observar que o papel do professor também é fundamental, ao motivar o desenvolvimento da autonomia por parte de seus aprendizes; apesar disso, alguns aprendizes tendem a agir de forma ainda mais autônoma, ou seja, com pouca ou nenhuma influência do professor.

Todavia, a análise das respostas demonstrou que não são todos os aprendizes que possuem a motivação necessária para o desenvolvimento de uma postura autônoma. Observou-se, por exemplo, que não há interesse por parte de alguns aprendizes em entender o que dizem as músicas em língua inglesa de sua preferência; além disso, outros aprendizes afirmaram que fingem entender o conteúdo ensinado em aula de aula, sem buscar formas alternativas de compreender o que foi abordado pelo professor, ignorando, assim, a lacuna que resultou desse descaso.

Ainda com relação à importância do professor como incentivador da aprendizagem autônoma, tem-se a seguinte resposta: “Eu não estudo em casa porque a professora não dá temas de casa” (aluno de 10 anos). Nesse sentido, observa-se que, em alguns casos mais específicos, se o aluno não for incentivado, ele não buscará formas de ampliar o seu ensino para além da sala de aula. Conforme revela a afirmação do aluno, ações oriundas ou decorrentes do professor, como a definição de atividades de *homework*, podem se constituir em importantes mecanismos de desenvolvimento da autonomia por parte do aluno.

Ainda assim, a maioria das respostas obtidas evidencia a vontade ou o desejo do aprendiz em aprender fora da sala de aula. Como exemplo, alguns alunos afirmaram que assistem a filmes ou seriados em inglês com legenda, por meio dos quais buscam, por conta própria, os significados das palavras que desconhecem. Além disso, uma parcela desses aprendizes afirma que costuma reescrever os textos que o livro didático apresenta, a fim de entender o sentido desses textos de acordo com o contexto neles apresentado. O uso de instrumentos de áudio e outros recursos tecnológicos, tendo em vista a aprendizagem da

língua inglesa, também foram citados pelos alunos, nas respostas ao questionário, como meios de acesso ao conhecimento de forma individual e autônoma.

Conclusão

A pesquisa teve como finalidade demonstrar que grande parte dos aprendizes, embora uns mais motivados do que outros, possuem o desejo de aprender e assumem uma postura autônoma na busca por respostas às perguntas não respondidas no contexto de sala de aula. Esses aprendizes são, geralmente, guiados ao caminho do conhecimento pelo professor e seu método de ensinar, mas, pode-se dizer que é a postura autônoma do aprendiz que lhe permite aprender.

Nesse sentido, os bolsistas integrantes do Subprojeto Letras: Inglês têm um papel importante, como futuros professores, no desenvolvimento de uma postura autônoma por parte do aluno, pois serão eles que, com a ajuda do professor supervisor, desenvolverão estratégias e métodos para que a aprendizagem da língua inglesa se torne verdadeiramente instigante e prazerosa.

Ao despertarem no aluno o desejo de aprender, estarão contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e, conseqüentemente, para a construção do conhecimento de forma plena e ininterrupta. Afinal, como afirma Leffa (2003, p. 8) em relação à aprendizagem autônoma, “[...] aqueles que realmente foram capazes de adquirir um conhecimento funcional da língua estrangeira, foram alunos autônomos, alunos que por conta própria foram muito além do que lhes foi exigido na sala de aula”.

Referências

GIMENEZ, T. **Permanências e rupturas no ensino de inglês no contexto brasileiro**. In: LIMA, D. C. (Org). Inglês em escola pública não funciona? Uma questão de múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, v., p. 47-55.

HOLEC, H. **Autonomy and foreign language learning**. Pergamon, 1981.

LEFFA, V. J. . **Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas**. In: Christine Nicolaidis; Isabella Mozzillo; Lia Pachalski; Maristela Machado; Vera Fernandes.

(Org.). O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras. Pelotas: UFPEL, 2003, p. 33-49.

NAIMAN, N. et al. **The good language learner**. Multilingual Matters, 1996.

NUNAN, D. **Autonomy in language learning**. ASOCOPI 2000, Cartagena, Colômbia, Outubro de 2000.

PAIVA, V. L. M. O. **Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem**. In: FREIRE, M.M; ABRAHÃO, M.H.V; BARCELOS, A.M.F (Orgs.). *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Campinas e São Paulo: Pontes e ALAB, 2005, p.135-153.

RAJAGOPALAN, K. **Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão**. In: LIMA, D. C. (Org). *Inglês em escola pública não funciona? Uma questão de múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 55-65.

SILVA, A. R. **Como tornar-se autodidata** [on-line]. Disponível em <http://www.agostinhorosa.com.br>. Acesso em: 26 de maio de 2013.

Aceito em 10 de dezembro de 2014